

“A VIDA FOI SE AJEITANDO”: USO DO AUDIOVISUAL NA RECONSTITUIÇÃO DE MEMÓRIAS

MARIANA DOS SANTOS ESCOBAR¹; ROSANE APARECIDA RUBERT²

¹*Universidade Federal de Pelotas – marianadsescobar@gmail.com*

² *Universidade Federal de Pelotas – rosanerubert@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Etnodesenvolvimento e Direitos Culturais em Comunidades Quilombolas e Indígenas”, vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia (ICH-UFPel) trabalha com dois eixos principais de atuação: 1. A assessoria a grupos de artesãs quilombolas, na produção, promoção e comercialização de seus produtos, proporcionando geração de renda extra, e 2. A reconstituição das memórias e saberes tradicionais destas comunidades, através da produção de documentários junto aos membros das comunidades quilombolas. Consoante ao segundo eixo de ações, um documentário já foi lançado, denominado “Eu Aprendi Vendo”, tendo como tema o grupo de artesãs da comunidade do Maçambique (Canguçu-RS), disponível no endereço eletrônico: <https://vimeo.com/286766571>. Atualmente estão sendo produzidos novos documentários em parceria com a comunidade Nicanor da Luz, afim de manter viva a história, conhecimentos e aspectos gerais da vida cotidiana dos membros da associação quilombola.

A comunidade quilombola Nicanor da Luz está localizada na cidade de Piratini-RS, no bairro do Cancelão, que faz divisa entre o rural e o urbano. Composta por aproximadamente 20 famílias, que residem especialmente nas ruas Dorvalino Lessa e Iemanjá. A Associação foi formalizada em 2016, estando atualmente com os esforços direcionados para a construção de sua sede própria.

As famílias negras que residem no lugar – nem todas agregadas na Associação Quilombola –, assim como várias famílias de pessoas brancas, para ali se deslocaram em processos migratórios que tiveram seu auge nas décadas 1980-1990, impulsionados pelos mesmos fatores: precário acesso à terra nas localidades em que residiam, fechamento dos postos de trabalho em razão da tecnificação dos processos produtivos, dificuldade de acesso à escola para os filhos, distanciamento dos serviços de saúde. Muitas destas pessoas – ou, principalmente, ascendentes dos atuais moradores - eram trabalhadores em estabelecimentos rurais de médio ou grande porte, que residiam de “agregados” no local de trabalho, e foram residir no Cancelão após a aposentadoria [...] (RUBERT et al, 2019, p.4).

Com isso, estas famílias se mudam para uma localidade onde há emprego em firmas de pêssego e madeireiras. Este processo migratório foi feito com a ajuda de Nicanor da Luz e sua família, uma das primeiras a se mudar do meio rural para o Cancelão. Ela proporciona à outras famílias que seguem o mesmo rumo o acesso à pequenos terrenos através da venda com pagamento facilitado. Assim, seus já conhecidos poderiam acessar com mais facilidade empregos, escolas e tratamentos de saúde.

A primeira inserção do projeto na comunidade se deu através da assessoria ao grupo de artesãs Raízes Negras, como vistas a fortalecer a organização política e fomentar alternativas de gerações de renda para as mulheres, demanda apresentada pela Pastoral Afro-Brasileira de Piratini. Porém desde o início se percebeu a riqueza da memória viva na comunidade, especialmente no que se diz respeito à migração do negro do campo para a cidade, egressos de localidades diversas, e a recomposição dos vínculos sociais por meio de formas de convivência e padrões de significados diversos: condição étnico-racial; parentesco e compadrio; vizinhança; religiosidade; compartilhamento da condição de colegas em empresas agropecuárias, etc.

Os documentários foram idealizados como forma de recompor estas memórias do passado, em conjunto com o estilo de vida atual destas famílias através das gerações, agora organizadas pela associação quilombola Nicanor da Luz, homenagem feita ao homem que contribuiu na fixação das famílias no lugar e reconstituição de códigos de convivência. Nicanor, também chamado de “Tio Landi”, já falecido, é lembrado por sua generosidade, bondade e seus famosos bordões, como “eu te forneço” e “tá dito”, mimicados por aqueles que contam sempre em sua voz grossa e seguido por risadas.

2. METODOLOGIA

Traz-se como base a antropologia visual, ressaltando a relevância da imagem como ferramenta dentro da etnografia. Para que o resultado vise sempre um produto no qual o grupo se sinta representado, foram feitas leituras específicas a respeito do filme etnográfico, especialmente para a compreensão do papel do antropólogo/documentarista e a ética que este deve cumprir na manipulação das imagens que capta. O grupo que protagoniza o filme deve de fato fazer parte do filme, um trabalho realizado com e não para, de forma que o filme etnográfico, enquanto “objeto sensível” que afeta todos os envolvidos, se transforma em um “meio deste encontro.” (HIKJII, 2009, p.115).

Minha ação como pesquisadora não se separa da atuação como realizadora de um filme etnográfico. A etnografia se constrói com palavras, imagens e sons. As palavras mediam, neste momento, a reflexão sobre o processo de pesquisa – mas este não se faz sem o recurso a este objeto superdotado de agência: a câmera de vídeo (HIKJII, 2009, p. 119)

O filme etnográfico possibilita trazer os membros da comunidade, e nossos interlocutores, em primeira pessoa. Estes são agentes contadores de suas próprias histórias e experiências diretamente ao expectador, não somente o objeto de pesquisa. Apropriar-se deste recurso audiovisual pode servir como um instrumento na desconstrução da representação das comunidades tradicionais a partir da ótica da exotização, ou como grupos históricos não existentes na atualidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na criação do roteiro foi primeiramente pensado dois documentários com esta comunidade: um sobre a trajetória das famílias e a composição do coletivo, e outro mais específico aos saberes de cura presentes ali. Foi-se assim organizado

pois uma característica forte é a manutenção de formas tradicionais de cura, como ervas de chás, remédios caseiros (pomadas, xaropes, compostos para massagens), benzimentos e simpatias, além de um centro de umbanda igualmente enraizado – Nossa Senhora Aparecida – que atualiza práticas que já eram vivenciadas no meio rural.

Nos roteiros originais, foram definidos alguns eixos que serviriam como diretrizes para as entrevistas. Para o documentário sobre a composição do coletivo que forma a associação: 1. O porquê da nomeação da comunidade Nicanor da Luz; 2. A formação da associação quilombola; 3. O grupo de artesanato; 4. Projetos de Futuro e 5. Convivência religiosa. Durante as filmagens, mais temas foram mostrando sua relevância para a dinâmica da comunidade, e assim inseridos no documentário, como relatos detalhados da vida na “campanha”, o processo migratório e de fixação no lugar. Os novos temas, geraram um eixo que chamamos de “Condições pregressas de vida”, trazendo experiências de racismo, acesso à escola, sociabilidade, trabalho, dentre diversas histórias da campanha.

Inicialmente tivemos aproximadamente 21 horas de filmagens brutas, que possibilitarão a produção de três curta metragens, divididos eles entre dois sobre a comunidade e um sobre os saberes de cura. Estas filmagens foram iniciadas no inverno de 2018, requerendo, atualmente, apenas pequenas complementações como imagens dos cenários citados. Para a captação realizamos saídas de campo onde dormimos na comunidade, recebidas na casa de Dona Santa, nossa principal interlocutora, liderança tradicional e cacica do centro de Umbanda local.

Aos poucos fomos ganhando a confiança da comunidade para realizar o trabalho ali, já que era uma experiência nova ao grupo. Para isso, foi mostrado o documentário já lançado sobre a comunidade de Maçambique para que os membros visualizassem como ficava o produto final. Esta exibição foi antecipada com a apresentação e discussão da proposta informalmente, durante a assessoria ao grupo de artesãs, e formalmente, em reuniões da associação quilombola. Fomos acompanhadas por Dona Santa durante o primeiro dia de gravações de forma mais supervisionada, porém, depois de entendido o processo da entrevista, e que tipo de perguntas eram feitas, foi fortalecido o laço de confiança, a terminar com Dona Santa entregando a chave de seu centro de Umbanda em nossas mãos, para que utilizássemos de cenário de algumas entrevistas.

Para além da confiança, há todo um processo de habituação com a câmera e estar em frente a ela, que para algumas pessoas ocorre com naturalidade, e para outras há um grau maior de timidez. As entrevistas sempre iniciam com uma conversa mais informal, com perguntas mais básicas como nome próprio e nome dos pais, para criar aos poucos a familiarização com o processo de filmagem. É sempre ressaltado que somente aquilo que se sente confortável deve ser compartilhado.

O processo de edição se iniciou com a sincronização de áudio e vídeo das entrevistas feitas. Com isso, foram assistidas todas as entrevistas, fazendo uma primeira seleção das falas consideradas importantes para o filme, o que chamamos de decupagem. Optamos por escolher imagens conforme a ética de qual seria a melhor representação da comunidade, tanto para dentro da própria como para expectadores de fora. As imagens captadas abordam, às vezes, assuntos pessoais e delicados sobre a vida destas pessoas, como memórias de um passado em que situações de violência, segregação, preconceitos e privações se impuseram. Outro

tema delicado são as suas condições de trabalho nas empresas agropecuárias, que se expostas, podem comprometer seus postos de trabalho. Em primeiro lugar está o cuidado com a imagem das pessoas e suas vivências, para que não haja constrangimentos, nem qualquer tipo de conflito a posteriori; em segundo, o respeito ao seu direito de opinar sobre a construção narrativa em elaboração.

Em sequência, os trechos selecionados foram categorizados, conforme o assunto. As imagens de mesma categoria foram reunidas e uma nova seleção aconteceu, descartando-se imagens onde a informação era repetida. E atualmente, estamos no processo de montagem propriamente dito, criando uma narrativa coesa com as falas selecionadas dentro de seus eixos temáticos. Ainda será trabalhada mais a narrativa, para que tiremos uma primeira versão do documentário para ser aprovada pela comunidade. Caso haja pedidos, as alterações necessárias serão feitas. Tendo o corte final, são editados o áudio e o vídeo, visando melhorias técnicas, como a correção da iluminação, padronização do volume e diminuição de ruídos. Por fim, é gerada a parte gráfica do filme, como títulos, legendas e créditos.

Temos a estimativa de lançar a primeira parte do documentário sobre a comunidade Nicanor da Luz para a Semana da Consciência Negra de 2019.

4. CONCLUSÕES

É relevante ressaltar a potencialidade da imagem como forma de proporcionar reconhecimento para grupos étnicos historicamente desconsiderados, tanto no interior da comunidade, valorizando as memórias e compartilhamentos de sabedoria de seus membros, como para aqueles que terão contato com essa realidade através da exibição deste documentário. Especialmente em um momento político onde a identificação como parte de qual seja o grupo minoritário é tão deslegitimada, se faz importante relatos da existência, e resistência, de tais grupos.

Por este mesmo motivo é também relevante ressaltar a importância do trabalho de extensão universitária, como forma de trazer o acadêmico para perto da comunidade, o relembrando para quem a ciência produzida deve servir. A oportunidade de estar realizando antropologia na prática auxilia na formação não só profissional, mas também como cidadãs e agentes de mudança.

5. REFERÊNCIAS

HIKIJI, Rose Satiko Giratana. Imagens que afetam: filmes da quebrada e o filme da antropóloga. In: GOLÇALVES, M.A.; HEAD, S. **Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. Cap.5, p.115-135.

RUBERT, Rosane Aparecida; PINHEIRO, Eva Maria Dutra; XAVIER, Nicole Pereira; NUNES, Bruna Duarte. Da “campanha” para o quilombo: deslocamentos espaciais e reconfigurações identitárias. In: **XIII RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: (https://www.ram2019.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=30)